

“Ritmo coisa nenhuma. Ijexá é um complexo ritual”

Vivaldo da Costa Lima | Antropólogo, professor emérito da Universidade Federal da Bahia e ex-diretor do Ipac

Quem quer entender melhor o conceito de “nação”, que define a origem da tradição dos ritos dos terreiros de candomblé não pode deixar de ler ‘O Conceito de Nação nos Candomblés da Bahia’, do antropólogo Vivaldo da Costa Lima.

O texto é considerado um clássico sobre a absorção de um termo político pelo universo religioso. O autor, 82 anos, é um dos mais respeitados pesquisadores sobre o universo da religiosidade afro-brasileira.

Além de ter profundos conhecimentos da organização dos terreiros baianos, Costa Lima fez o

caminho até a origem: passou um período na África, o que dá aos seus trabalhos ainda maior riqueza sobre a história dos povos que reconstruíram sua identidade em uma parte do novo mundo, o Brasil, a partir da religiosidade.

Em ‘O Conceito de Nação nos Candomblés da Bahia’, Costa Li-

ma não apenas traça um panorama antropológico, mas também revela muito das relações que os povos que vieram escravizados para o Brasil mantinham nas terras de origem. Sobre a nação ijexá, ele é categórico em afirmar que se trata de uma estrutura religiosa, assim como a nagô ou ketu, jeje e

angola, diferentemente dos que a resumem apenas a um ritmo.

Nesta entrevista à repórter CLEIDIANA RAMOS, o antropólogo, professor emérito da Universidade Federal da Bahia e ex-diretor do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural fala da obra de Nina Rodrigues e outros temas.



QUEM É | Vivaldo da Costa Lima, 82 anos, é um dos mais renomados antropólogos brasileiros. São de sua autoria trabalhos já considerados clássicos, como o livro ‘A Família de Santo nos Candomblés Jejes-nagôs da Bahia’. Trata-se de um amplo estudo sobre as relações de parentesco ritual nos terreiros e sua importância para a estrutura religiosa. É considerado um dos pioneiros na pesquisa etnográfica baiana. É professor emérito da Universidade Federal da Bahia (Ufba). Foi também diretor do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac).

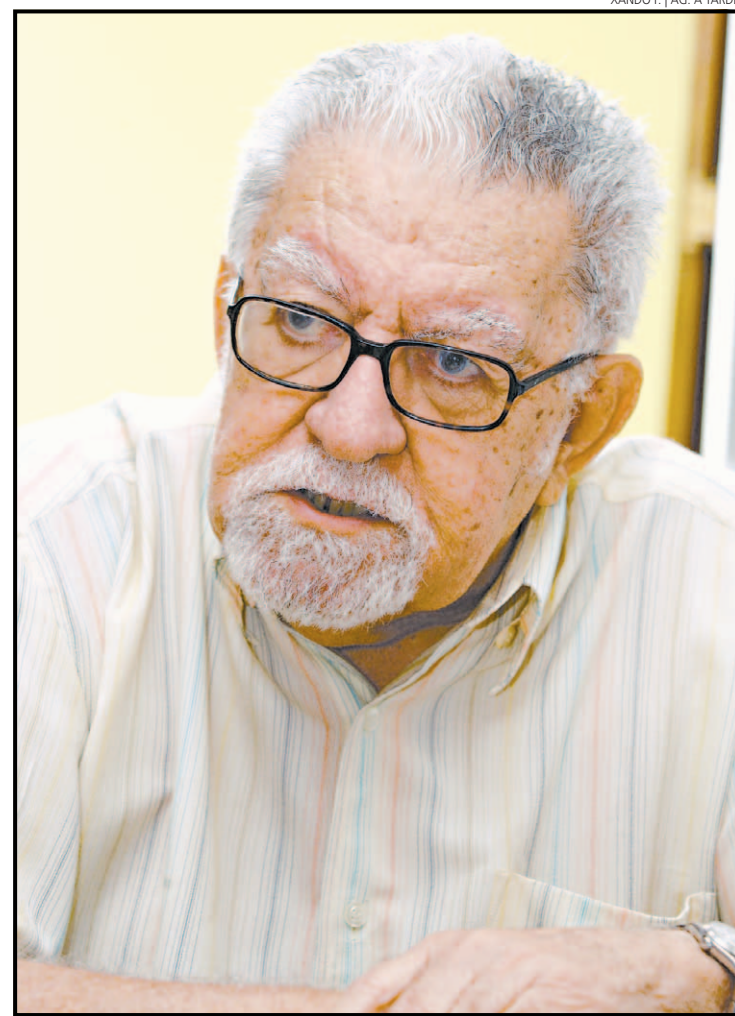
A TARDE | Como começaram os estudos sobre candomblé na Bahia?

VIVALDO DA COSTA LIMA | Com Nina Rodrigues, que afinal de contas foi o precursor de tudo que se escreve hoje sobre candomblé. Tudo, mas absolutamente tudo, tem sua origem, de alguma maneira, nas intuições extraordinárias de Nina Rodrigues, com todos os equívocos que ele tenha porventura cometido – e que são frutos da informação que ele dispunha no seu tempo, fim do século XIX. Naturalmente, há os que acham Nina um racista, ainda mais hoje, com a moda do neoafricanismo, a moda ideológica e nem sempre coerente dos estudos chamados africanos. Mas racista e preconceituoso são coisas que ele realmente nunca foi, se analisado bem. Porém, ninguém quer analisar. Nem a academia. A universidade é ideológica em certos setores. Toma partido. Então, se toma partido não há nada a fazer, a não ser esperar por novos tempos.

AT | Nina Rodrigues é, então, o ponto de partida?

VCL | Eu não me canso de defender a posição de Nina nestes estudos africanistas. Paradoxalmente, a obra de Nina hoje é pouco conhecida ou maltratada. Mas, a grande antropologia, de gente como Gertz e outros, está fazendo o que Nina pregava sem saber: um estudo de uma circunstância vivenciada e vivida. Não é redundância, pois viver é uma coisa e viver é outra. Há nuances existenciais nisso aí. Nina foi o primeiro que realmente freqüentou terreiros de candomblé. Inclusive as pessoas que o acusam, caso de colegas meus, de ter um viés para os nagôs, esquecem que ele freqüentou apenas um terreiro nagô, que foi o Terreiro do Gantois. Foi ele quem criou essa expressão jeje-nagô, sem ter feito pesquisa nenhuma na África, sem conhecer a história das ligações étnicas e culturais entre os povos chamados nagôs e os povos jeje na África. Agora esse renascimento do jeje como nesse livro do Nicolau Parés (‘A Formação do Candomblé – História e Ritual da Nação Jeje na Bahia’) está supervalorizando, a meu ver, a cultura jeje, que nunca foi esquecida, desde os tempos de Nina – e depois por Edson Carneiro. O que Nicolau Parés está fazendo é muito louvável, pois identifica esses grupos de origem jeje que estavam correndo perigo no processo dinâmico da nossa sociedade de se integrarem por exemplo ao candomblé nagô.

AT | O senhor é autor de um texto já considerado clássico que é o



XANDO P. | AG. A TARDE

“Predominância não é dominância, não é hegemonia. É isso que muitos antropólogos baianos confundem”

Vivaldo da Costa Lima, antropólogo |

Conceito de ‘Nação’ nos Candomblés da Bahia. Essa organização por nação ajudou o candomblé a resistir, como a preservação das línguas por exemplo?

VCL | Claro, sem dúvida. O conceito político de nação foi modificado aqui e se transformou, com algum tempo, em um conceito religioso. Uma vez que a nação perdeu características de poder político, passou a ter características de poder espiritual, religioso. Esse é, em resumo, o grande fenômeno da criação das nações de candomblé. A força do povo negro na Bahia se estruturou pela ideologia religiosa do candomblé, e não pela ideologia política. Só em um momento histórico a ideologia política interferiu, que foi nos movimentos das lutas dos malês, muito bem estudado pelo livro de João Reis. Sem dúvida, o livro de João Reis é uma obra importantíssima, mas que, naturalmente, valoriza o aspecto político, ideológico.

AT | Um conceito político vira, então, religioso?

VCL | O que ressalto neste artigo é a transformação natural da dinâmica de uma conceitualização política de nação para um conceito religioso e de sistema ideológico. A nação política virou uma nação ideológica. E aí, também, como as nações têm hierarquia de poder, as nações de candomblé têm sua hierarquia de importância. Daí que vem essa preeminência dos nagôs e a redescoberta atual dos angola, dos jeje, dos congo. Angola e congo, antigamente, eram chamados de bantos, uma denominação linguística, que é hoje valorizada a partir, sobretudo, das pesquisas da professora Yeda Pessoa de Castro, com seu extraordinário trabalho etnolinguístico.

AT | Depois, os terreiros vão entrando em uma linha da pureza em relação à nação?

VCL | Eles, não. Felizmente, não.

Ultimamente, alguns pais-de-santo novos estão reivindicando uma pureza ancestral valorativa, mas que, na verdade, não tem nada a ver com a realidade sociológica nem antropológica das casas. Não há terreiro puro. São os antropólogos que falam em “pureza nagô”. Os nagôs sabem que eles têm mistura. Eles sabem que, no ato da iniciação dos filhos-de-santo, naquele conjunto de cerimônias e rituais complexos, há uma coisa chamada de “barco”, que nada tem a ver com barco de navegação. É uma palavra de origem banto, referente a “grupo”. Para os nomes dos integrantes do “barco”, os nagôs usam uma terminologia absolutamente jeje: “dofono, dofonutinha, gamo, gamotinha”. Tudo isso é nome jeje. Um grande terreiro de candomblé da Bahia, um dos mais importantes a meu ver da cultura nagô, que é o terreiro de Alaketu, é, ele próprio, e a mãe-de-santo sempre dizia, nagô-vodunsi. Nagô-vodunsi é a forma que o povo de santo usa para a erudita proposta jeje-nagô de Nina Rodrigues.

AT | Há quem diga que o ijexá não é nação, mas um ritmo.

VCL | Ritmo coisa nenhuma. O ijexá é um complexo ritual, baseado, naturalmente, nas origens e nas vertentes nagôs ou iorubanas de Oyó, os seus vizinhos iorubás, mas que tinham uma característica própria. O ijexá é uma nação de santo, com rituais próprios, dentro da língua que hoje chamamos de iorubá-nagô. O ritmo é uma das características do ijexá, tocado até no (afomé) Filhos de Gandhi. Mas, não é só aquilo: o ijexá era uma nação independente. Conheci, na África, pessoas importantíssimas de uma grande hierarquia de poder. O rei de ijexá era chamado de owá. Eu me dava muito com o sobrinho dele, que era um doutor em física, John Fagbemi. Essa palavra quer dizer “Ifá me trouxe”, “Ifá me pariu”, “Ifá me teve”. Ele me levou algumas vezes a Ilexá, cidade ijexá. Lá conheci muitas coisas.

AT | Divindades como Oxum e Oxóssi são ijexá?

VCL | Não são ijexá. São também ijexá. Os santos se espalham pela região nagô, há locais onde predominam cultos como Oyó – e outras cidades onde predomina o culto de Xangô. Ogum e Oxum são santos importantes no ijexá, mas não são santos ijexá. Predominância não é dominância. Predominância não é hegemonia. É isso que muita gente, inclusive os antropólogos baianos confundem. Não fosse assim, muitas casas importantes nagôs não tinham assentado os caboclos, bem brasileiros.

GLOSSÁRIO

Conheça mais sobre os termos das religiões de matriz africana

Nação - Nome que se dá a um conjunto de elementos que caracteriza a tradição de rito de um determinado terreiro. A classificação é uma espécie de resgate da memória de povos africanos trazidos para o Brasil. Em linhas mais gerais, estão a angola, a jeje e a ketu, também chamada nagô |

Angola - Candomblé que tem como origem os povos de língua banto que vieram da região onde hoje está o país de Angola |

Ijexá - Candomblé que tem como origem os povos ijexá. Suas divindades e ritos têm semelhança com a nação de ketu, o que fez com que muitos afirmem que é apenas um ritmo e não uma nação de candomblé. Isto é contestado por sacerdotes de terreiros que seguem esta tradição, bem como por pesquisadores |

Jeje - Candomblé que tem como origem povos do antigo reino do Daomé, hoje República do Benin. Eram vizinhos dos iorubás e muitas das tradições são

compartilhadas. Línguas principais são o fon e o ewé |

Ketu - Candomblé que tem como origem os povos de língua iorubá, que vieram principalmente de onde hoje está a Nigéria. O termo acabou substituindo o nagô, que era mais empregado antigamente. A nação ketu é a que mais predomina nos terreiros instalados em Salvador |

Caboclo - Encantado que é considerado o dono original da terra brasileira. Seu culto teve início como uma reverência ao ancestral indígena nativo da terra antes da chegada do colonizador. Hoje, a relação dos seus nomes inclui tipos humanos variados, como Boiadeiro, por exemplo. Seu culto está também ligado à prática da caridade |

Inquice - Divindade no candomblé de nação angola |

Orixá - Divindades no candomblé de nação ketu |

Vodum - Divindades no candomblé de nação jeje |

NOVAS TURMAS

PÓS-GRADUAÇÃO

MBA Executivo

30 anos de Pós-Graduação

INÍCIO: AGOSTO 2007

- **Gestão Estratégica de Recursos Humanos*** 41ª Turma
- **Gestão Financeira das Empresas*** 34ª Turma
- **Gestão de Empresas*** 24ª Turma
- **Marketing Estratégico*** 15ª Turma
- **Logística Empresarial*** 6ª Turma
- **Gerenciamento de Proj. e Obras de Engenharia** 3ª Turma

*Com Metodologia do Ensino Superior

Aulas quinzenalmente às sextas e sábados.

Informações e inscrições:
(71) 3346-1099

www.cenid.com.br

CENID
Business School

A primeira pós-graduação da Bahia.

Suspeito #1: PRESENTE ITAIGARA

Traga seu pai para participar de Jogos Investigativos e concorra a 4 finais de semana para 2 pessoas no Resort Itacimirim e a muitos outros prêmios*.

Local: Praça de Eventos - Piso Térreo

Suspeitamos que o presente de seu pai está aqui.



Aberto no domingo, dia 5/08, das 11 às 19h

SHOPPING
Itaigara
UM SHOPPING EM EVOLUÇÃO